

DISCURSO, PODER E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO: UMA ANÁLISE DA BÍBLIA SATÂNICA SOB A PERSPECTIVA FOUCAULTIANA

Evanilde Miranda de Freitas Guimarães¹.

¹Unifatecie, Boa Vista, Roraima.

<http://lattes.cnpq.br/0176426548324668>.

RESUMO: O artigo examina o discurso presente na *Bíblia Satânica*, de Anton LaVey, a partir de uma perspectiva foucaultiana, com o objetivo de analisar como o conhecimento é produzido no interior de formações discursivas antirreligiosas. Fundamentado na Análise do Discurso de natureza qualitativa e teórica, o estudo investiga as estratégias pelas quais o texto desafia narrativas religiosas hegemônicas e reconfigura categorias morais. Os resultados indicam que o discurso satanista opera não apenas como forma de oposição, mas como um campo produtivo que constrói seu próprio regime de verdade, centrado na agência do indivíduo, na reflexão crítica e na valorização da experiência. À luz da concepção de Michel Foucault sobre a inseparabilidade entre poder e conhecimento, a análise demonstra que tal discurso simultaneamente contesta e reproduz mecanismos de legitimação, evidenciando o caráter contingente e historicamente situado da verdade. Por fim, o estudo destaca que a produção do conhecimento está intrinsecamente vinculada às práticas discursivas e às relações de poder, reafirmando o papel do discurso como mecanismo central na constituição, circulação e validação do saber.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do discurso. Discurso. Poder. Produção de conhecimento. Religião.

DISCOURSE, POWER AND KNOWLEDGE PRODUCTION: AN ANALYSIS OF THE SATANIC BIBLE FROM A FOUCAULDIAN PERSPECTIVE

ABSTRACT: This paper examines the discourse articulated in *The Satanic Bible*, by Anton LaVey, through a Foucauldian framework, with the aim of analyzing how knowledge is produced within anti-religious discursive formations. Grounded in qualitative, theoretically oriented Discourse Analysis, the study explores the strategies through which the text challenges hegemonic religious narratives and reconfigures moral categories. The findings suggest that the Satanic discourse operates not merely as a form of opposition, but as a productive field that constructs its own regime of truth, centered on individual agency, critical inquiry, and experiential validation. Drawing on Michel Foucault's notion of the inseparability

of power and knowledge, the analysis demonstrates that such discourse both contests and reproduces mechanisms of legitimacy, revealing the contingent and historically situated nature of truth. Ultimately, the study highlights that knowledge production is intrinsically linked to discursive practices and power relations, reinforcing the role of discourse as a central mechanism in the constitution, circulation, and validation of knowledge.

KEY-WORDS: Discourse. Power. Knowledge Production. Discourse Analysis. Religion.

INTRODUÇÃO

A compreensão do discurso como prática produtora de conhecimento encontra em Foucault um de seus principais fundamentos teóricos. Para o autor, o discurso não é apenas um conjunto de signos que representam a realidade, é também uma prática que a constitui, produzindo efeitos de verdade.

Essa dinâmica torna-se ainda mais evidente, no campo religioso, cujos discursos se apoiam tradicionalmente em estruturas dogmáticas que reivindicam autoridade sobre a verdade. Discursos antirreligiosos, nesse contexto, emergem como formas de tensionamento dessas verdades estabelecidas, propondo novas formas de interpretação da realidade.

A *Bíblia Satânica*, publicada por Anton LaVey em 1969, configura-se como um desses discursos. Ao questionar fundamentos do cristianismo e propor uma inversão de valores morais, o texto não apenas critica uma tradição religiosa, mas também constrói um novo campo de saber. Embora apresente uma crítica aos dogmas cristãos, também mobiliza mecanismos normativos ao propor um sistema de valores.

Diante disso, este estudo visa analisar de que maneira o discurso presente na *Bíblia Satânica* contribui para a produção do conhecimento, a partir da perspectiva foucaultiana, evidenciando as relações entre discurso, poder e verdade.

OBJETIVO

Analisar de que modo o discurso presente na *Bíblia Satânica* participa da produção do conhecimento na perspectiva de Foucault.

METODOLOGIA

O estudo parte do pressuposto de que os discursos não apenas representam a realidade, mas produzem sentidos, subjetividades e regimes de verdade socialmente legitimados. O corpus analítico é constituído por excertos da obra *Bíblia Satânica*, de Anton LaVey (2007), com ênfase nos seguintes tópicos: **Prefácio, O Livro de Satã, Inferno, O Demônio, Como vender sua alma e Indulgência... não compulsão o mais alto plano de desenvolvimento é a qualidade da matéria.**

A seleção desses trechos deu-se por sua relevância para a compreensão do discurso antirreligioso e para a identificação de estratégias de contestação aos valores morais tradicionalmente associados ao cristianismo.

Como procedimento analítico, buscou-se identificar regularidades discursivas relacionadas à resignificação de conceitos religiosos, inversão de valores morais, construção de novas formas de subjetividade e disputas em torno da legitimidade do saber. Também foram observadas as relações entre linguagem, poder e verdade presentes nos enunciados, considerando a perspectiva foucaultiana de que todo discurso se insere em redes históricas de poder.

A interpretação dos dados concentrou-se em compreender de que modo a obra mobiliza estratégias discursivas para questionar verdades instituídas e propor novos referenciais de conhecimento, desvelando que a produção do saber ocorre em meio a disputas simbólicas e sociais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Discurso, poder e verdade em Foucault

A produção do conhecimento constitui um processo complexo, historicamente situado e profundamente atravessado por relações de poder. Existe uma estreita relação entre conhecimento e poder no âmbito da coletividade. Em oposição à ideia de neutralidade científica, autores como Foucault defendem que todo saber está vinculado tanto à produção quanto a práticas discursivas.

Elas são, ao mesmo tempo, controladas, selecionadas, organizadas e redistribuídas por certos números de procedimento (FOUCAULT, 1999), resultando no que pode ser dito, pensado e legitimado em determinado contexto. Assim, as relações de poder se manifestam nas dinâmicas sociais, por meio da dominação do homem pelo homem, desvelando seu aspecto ideológico.

As relações entre discurso e poder podem ser observadas em diferentes tradições teóricas. Entretanto, neste estudo privilegia-se a perspectiva foucaultiana, segundo a qual o poder não se reduz à dominação estatal ou ideológica, mas atravessa práticas discursivas que produzem verdades, saberes e formas de subjetividade. Sob essa perspectiva, interessa compreender como determinados enunciados disputam legitimidade social e constroem regimes de verdade.

O discurso antirreligioso como campo de disputa de saberes

A análise do corpus evidencia que o discurso presente na *Bíblia Satânica* se constrói em oposição ao discurso religioso tradicional, especialmente ao cristianismo. No entanto, essa oposição não se limita à negação, pois envolve também a elaboração de um

novo posicionamento discursivo. Isso se articula com a ideia de Foucault (1979), de que inevitavelmente, onde há poder, há resistência.

O ato de filosofar se concretiza por meio de questionamentos, quando o sujeito passa a “exercer o direito de refletir por si próprio, de confirmar ou rejeitar as ideias” (ARANHA; MARTINS, 2009, p. 18). Valendo-se da liberdade dessa prática, que o sujeito do enunciado utiliza o discurso filosófico para discutir os dogmas do cristianismo.

Ao questionar princípios como os dez mandamentos, o discurso satanista promove um deslocamento da autoridade do saber. Enquanto o discurso religioso se fundamenta na fé e na tradição, o antirreligioso valoriza o questionamento e a autonomia do sujeito.

Essa ideia é expressa no enunciado que trata da “necessidade de uma nova religião, baseada nos instintos naturais do homem” (LAVEY, 2007, p.9). Assim, consoante Foucault (1999) ainda que o discurso seja aparentemente pouca coisa, as interdições que o atingem logo desvelam sua relação com o desejo e com o poder.

De acordo com a bíblia satânica, nenhum credo deve ser aceito sobre autoridade de uma “divina” natureza, religiões devem ser colocadas em debate e nenhum dogma moral pode ser tomado como absoluto, visto que as mais perigosas de todas as mentiras é a santificada, a que todo mundo acredita ser o modelo de verdade.

Pois eu enfrentarei o modelo da sabedoria do mundo, para questionar as leis do homem e de Deus! Eu exigirei as razões da sua regra de ouro e perguntarei a origem e a finalidade dos seus dez mandamentos. Por que eu não deveria odiar os meus inimigos se o meu amor por eles não tem lugar em sua misericórdia? É natural aos inimigos fazer o bem a todos? E o que é o bem? Não somos todos nós animais predatórios por instintos? Se os homens pararem de depredar os outros, eles poderão continuar a existir? Não é a desprezível filosofia da pessoa servil que vira as costas quando chutado? Odeie seus inimigos na totalidade do seu coração, e se um homem lhe dá uma bofetada, dê-lhe outra! Atinja-o dilacerando, desmembrando-o, pois autopreservação é lei suprema” (LAVEY, 2007, p.9).

A filosofia satanista é fundamentada no hedonismo, no prazer humano desprovido de sentimento de culpa ou arrependimento. Estimula a prática dos 7 pecados capitais (ganância, inveja, raiva, gula, luxúria, preguiça e orgulho), advogando indulgência para cada um deles. A partir do questionamento das leis de Deus e dos homens, apresenta um aparente discurso antirreligioso sob viés de desconstrução dos dez mandamentos.

Sob esse discurso, a verdade sozinha nunca torna ninguém livre, visto que é somente por meio da dúvida que a emancipação mental é possível. Esse movimento evidencia uma disputa pelo controle do conhecimento, na medida em que ambos os discursos buscam se afirmar como legítimos produtores de verdade. Logo, mais que a validade de determinadas

crenças, o que está em jogo, é a própria definição do que pode ser considerado conhecimento.

Desconstrução de valores tradicionais para produção de um novo conhecimento

Outra manifestação de disputa de poder no discurso analisado, é a desconstrução de valores tradicionalmente condenados pela moral cristã. Elementos como os “pecados capitais” são reinterpretados como expressões legítimas da natureza humana. As nove declarações satânicas defendem a entrega total à natureza humana sem culpa ou arrependimento, postura desestimulada pelo cristianismo (LAVEY, 2007):

1. Satã representa indulgência, em vez de abstinência!
2. Satã representa existência vital, em vez de sonhos espirituais!
3. Satã representa sabedoria pura, em vez de auto ilusão hipócrita!
4. Satã representa bondade para quem merece, em vez de amor desperdiçado aos ingratos!
5. Satã representa vingança, em vez de virar a outra face!
6. Satã representa responsabilidade para o responsável, em vez de se ligar a vampiros espirituais!
7. Satã representa o homem como um outro animal, algumas vezes melhor, mais frequentemente pior do que os outros que caminham de quatro, porque em seu “divino desenvolvimento espiritual e intelectual”, se tornou o animal mais viciado de todos!
8. Satã representa todos os denominados pecados, pois eles direcionam a uma gratificação física, mental e emocional!
9. Satã tem sido o melhor amigo que a igreja já teve, pois ele cuidou dos seus negócios todos esses anos! (LAVEY, 2007, p.4).

Há uma enfática negação dos princípios pregados pelo cristianismo. Denúncia infernal, um dos tópicos do livro, alega que a falsa doutrina no inferno e no demônio são a razão de as igrejas católicas e protestantes florescerem por muito tempo. Sem um demônio para apontar seus erros, os religiosos do “caminho da mão branca” não teriam como ameaçar e coagir seus seguidores.

Na obra *Microfísica do poder*, Foucault (1987) defende que a verdade não existe fora do poder ou sem o poder e que cada sociedade tem seu regime de verdades e tipos de discursos que acolhe e faz funcionar como verdadeiros. O discurso na bíblia satânica deixa implícito essa relação de poder ao tentar desconstruir uma “verdade vigente” questionando a lógica que a fundamenta.

Esse questionamento é feito de forma lógica, por meio da formação discursiva, definida como regularidade que consiste em ordem e correlações de sentido. Isto porque “os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas” (FOUCAULT, 1999, p.60). Logo, as relações discursivas não se caracterizam pela língua, mas pelo próprio discurso enquanto prática.

Nessa perspectiva, percebe-se a presença do sujeito discursivo, na aparente contradição a respeito da negação dos dogmas, que a partir da ilusão de unidade que se oculta, ou que é ocultada, “só tem lugar na defasagem existente entre a consciência e o inconsciente, o pensamento e o texto, a idealidade e o corpo contingente da expressão” (FOUCAULT, 1999, p.175).

A crítica não foi apenas aos dogmas, mas à ideia de que o uso deles pelas religiões desestimula as pessoas de questionarem as regras estabelecidas. Contudo, o sujeito ideológico que critica isto, igualmente apropria-se do caráter dogmático, ao alegar que é mais fácil levar alguém a crer, por meio do encantamento, da fantasia em vez da razão.

Ademais, também apela para o emocional ao defender a naturalidade dos instintos e a entrega total à natureza humana. Mais que um estímulo, o discurso endossa essa postura, mobilizando mecanismos de identificação subjetiva e valorização individual. Desse modo, essa inversão desvela uma estratégia discursiva que transfere o eixo da moralidade, da repressão para a afirmação.

O discurso satanista critica o modelo moral vigente e propõe uma nova forma de compreender o comportamento humano, ao defender que os valores não são universais, mas construções discursivas que podem ser transformadas. Sob a perspectiva da produção do conhecimento, o discurso configura-se como mecanismo de reorganização do saber, redefinindo categorias e significados.

Questionamento, sujeito e conhecimento

Outro elemento central na análise é a valorização do questionamento como prática de produção do saber. O discurso satanista incentiva a reflexão crítica sobre verdades estabelecidas, aproximando-se da concepção filosófica de que o conhecimento se constrói a partir da dúvida.

Nesse contexto, o sujeito assume protagonismo, deixando de ser apenas receptor de verdades para se tornar agente ativo na construção do saber. Uma mudança que representa um deslocamento significativo no que se refere ao modelo religioso tradicional, pautado na aceitação de dogmas.

Em sua crítica ao discurso religioso, a bíblia satânica, usa o questionamento e a argumentação para criticar o discurso religioso. A tentativa de se legitimar, deslegitimando o religioso ocorre ao questionar o próprio termo satanismo ao invés de humanismo. A justificativa é que o humanismo, além de ser fundamental ao homem, não é religião, mas

simplesmente um modo de vida sem dogma ou cerimônia.

O satanismo é apresentado como diferente e melhor que o religioso, que é sustentado na fé, no inquestionável e no encantamento emocional. Isto porque “aceitar um assunto intelectualmente, é bem diferente de aceitar a mesma coisa emocionalmente” (LAVEY, 2007, p.12). Assim, o religioso é colocado no campo da ignorância e da alienação, ao passo que o satanismo, é posto como o pensar que direciona para a construção de conhecimento.

A produção do discurso configura-se em seleção, controle e organização, mecanismos que determinam quais discursos podem circular, quais são silenciados e quais se tornam legítimos. A verdade não é algo absoluto, é resultado de um conjunto de regras que definem o que é considerado verdadeiro em determinado contexto. Trata-se do que Foucault define como “regimes de verdade”, isto é, sistemas que articulam saber e poder na produção do conhecimento.

Todo discurso está inserido em relações de poder, sendo simultaneamente produto e produtor dessas relações. Isso permite compreender que diferentes campos discursivos, como o religioso e o antirreligioso, expressam tanto visões de mundo distintas, quanto disputam a legitimidade na definição da verdade.

Essa valorização do sujeito, sob perspectiva foucaultiana, é compreendida como uma estratégia de constituição de novas formas de subjetividade, nas quais o indivíduo se reconhece como produtor de conhecimento.

Discurso, poder e regimes de verdade

A análise permite compreender que o discurso antirreligioso não se distancia das relações de poder, pelo contrário, também opera na tentativa de estabelecer seu próprio regime de verdade. Ao contestar o discurso religioso, o texto visa deslegitimar uma forma de saber para legitimar outra.

Esse processo revela que a produção do conhecimento está sempre vinculada a disputas, nas quais diferentes discursos concorrem pela autoridade de definir a verdade. Dessa maneira, além de romper com o discurso religioso, o discurso satanista se implanta em uma nova rede de poder, na qual busca afirmar sua própria legitimidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da *Bíblia Satânica* sob a perspectiva foucaultiana evidencia que o discurso antirreligioso se constitui como espaço de produção do conhecimento. Ao questionar dogmas e defender a ressignificação de valores, o texto propõe uma reorganização do saber, revelando o caráter histórico e discursivo da verdade.

O estudo enfatiza a ideia de que o conhecimento não é neutro, e sim produzido em meio a relações de poder que determinam sua circulação e legitimidade. A Análise do

Discurso mostra-se um método eficaz para compreender os mecanismos que sustentam a produção de saberes em contextos diversos.

Portanto, o estudo demonstra que mesmo discursos marginais não escapam às lógicas de poder que pretendem contestar. Isso contribui para ampliar a compreensão sobre a diversidade de formas de produção de saberes, desvelando a complexidade dos processos que constituem o saber na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. A; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: introdução à filosofia. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2009.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Tradução: Roberto Machado. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução: Raquel Ramalhete. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

LAVEY, A. S. **A Bíblia Satânica**. Tradução: Milton Persson. São Paulo: Madras, 2007.